

APRENDENDO COM O LIXO NA ESCOLA

Acácio Militão de Oliveira¹

1

RESUMO

A elaboração do projeto propõe analisar a relação aluno-escola-lixo na perspectiva de um processo de sensibilização e construção de ideários pela comunidade escolar. Diante aos problemas ambientais, em destaque para o descaso do lixo nas escolas, é que instigou a concretização deste trabalho. A idéia que norteia este projeto é possibilitar mudanças na concepção da comunidade escolar, pois os princípios que preservam a vida têm sido substituídos por propagandas da sociedade de consumo. Nesse sentido torna-se prioritário a concepção de que para reduzir a produção de resíduos sólidos será preciso uma sensibilização em consumir apenas o necessário, ou seja, ser consumidor controlado e ambientalmente educado. Em relação aos procedimentos para o desenvolvimento do projeto, organizou-se a formação de um grupo de trabalho com o objetivo de confeccionar cartazes e praticar ações que visem à sensibilização dos outros alunos; em seguida pretende-se a promoção de palestras e/ou reuniões que discutam as questões ambientais, com ênfase para o lixo produzido na escola. No terceiro momento pretende-se montar um grupo de teatro para apresentar quatro peças com os seguintes temas: sensibilização para não jogar o lixo nas ruas; discussão sobre a problemática que envolve o ar, a terra, o fogo e a energia; e a última peça envolverá a coleta seletiva. Na prática cotidiana dos alunos e de membros da comunidade escolar, percebeu-se que o lixo é indesejável e desprezado, tornando-se um problema visível na escola e conseqüentemente para a sociedade. Em um contexto onde a sociedade vive uma crise com diversos âmbitos, objetivamos a sensibilização dos alunos sobre os impactos sócio-ambientais resultantes da disposição do lixo, possibilitando assim o estímulo a esforços coletivos em defesa do meio ambiente e da melhoria da qualidade de vida na escola e na comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: sensibilização, lixo, resíduos sólidos, escola, problemas ambientais.

¹ Licenciado em Geografia – UFS; Pós-graduado em Geografia e História – Instituto MASTERIDÉIA; Pós-graduando em Educação Ambiental – Faculdade Atlântico; Professor da Rede Estadual de Ensino de Sergipe; Professor da Rede Municipal de Frei Paulo/SE; Coordenador do Projeto Sala Verde no município de Frei Paulo. militão-geo@hotmail.com

A Educação Ambiental e a formação cidadã na escola

Nas sociedades pré-industriais, o homem se considerava um ser à parte na natureza, e por isso, possivelmente, poderiam explorar infinitamente os recursos naturais. Contudo ressaltamos que nesse período existia uma harmonia entre ambos. No entanto, as transformações nos processos produtivos no decorrer da história, com destaque para meados do século XVIII, XIX e principalmente o período pós-guerra, contribuíram para o aumento da distância entre o homem e a natureza. Aliás, percebe-se atualmente que há um conflito em que o meio natural repudia as ações do homem. Contudo, é compreensível que também somos parte desse planeta. Mesmo assim não respeitamos limites e o que permeia os interesses da sociedade é a busca incessante pelo capital.

A idéia que norteia este projeto é discutir e possibilitar mudanças na concepção da comunidade escolar, no sentido de que para reduzirmos a produção de resíduos é necessário termos a preocupação em consumir apenas o necessário, ou seja, sermos consumidores controlados e ambientalmente educados. Contudo, compreendemos que este discurso é de difícil convencimento, pois as propagandas dos meios de comunicação e os problemas do sistema educacional distorcem a realidade e dificulta, mas não impossibilita a consolidação de uma sociedade em consonância com equilíbrio ambiental.

No espaço escolar a produção de lixo é constante, pois cotidianamente consumimos balas, guardanapos, canudos de refrigerante, pipoca, picolé, chicletes e outros produtos utilizados como acessório para os alunos e secretaria, como papel, apagadores, cola, isopor etc. É constrangedor perceber que vários alunos e funcionários, incluindo professores, não respeitam o ambiente e jogam o lixo em qualquer lugar. Estes acreditam, possivelmente, que o lixo é algo indesejável e não lhes pertence mais, sendo, portanto, necessário urgentemente desprezá-lo e afastar-se da sujeira.

Esta falta de educação e de cultura respeitosa ao meio é possível de ser mudada, no entanto, sabemos que não será instantaneamente e não atingirá a totalidade da comunidade escolar, porém a realidade torna-se-á mais dramática se ficarmos omissos. A implantação de um projeto de educação ambiental em relação ao lixo representa a possibilidade de realização de ações que venham contribuir para a sensibilização da comunidade escolar, consolidando assim uma concepção de cidadania.

A partir de pequenas atitudes alcançam-se grandes feitos, pois são de pequenas idéias que surgem grandes inventos. Ninguém nasce grande, mas crescemos e evoluímos com a experiência. Nesse sentido, partindo de um pequeno grupo de estudantes e de uma escola municipal poderemos desenvolver uma grande ação. E se outros pensarem e fizerem o mesmo conseguiremos melhorar o ambiente escolar e até a natureza, este bem enormemente precioso.

O presente trabalho não visa discutir os modelos de desenvolvimento das sociedades, mas compreender como o consumo e conseqüentemente a produção de resíduos sólidos representam uma preocupação para a população atual e para existência das futuras gerações.

Para se trabalhar, o que se propõe é necessário traçar objetivos que contemplem a pesquisa, contribua para uma melhoria na qualidade dos serviços da escola e que os alunos tenham a percepção de como contribuir para um ambiente mais saudável.

Como objetivo principal para o desenvolvimento da pesquisa em análise tem-se:

- Sensibilizar os alunos da Escola de 1º Grau Cônego João Lima Feitosa sobre os impactos sócio-ambientais relacionados à produção e destinação do lixo.

Para realização de forma coerente e estruturada subdividiu-se o objetivo geral, desmembrando-o nos seguintes específicos:

- Criar atitudes de cooperativismo e solidariedade entre os alunos a partir do esforço coletivo em defesa de uma melhor qualidade de vida escolar;
- Sensibilizar os alunos quanto à concepção de que “o lugar de lixo é no lixeiro”;
- Possibilitar que a escola implemente ações ou práticas que enfoquem a Educação Ambiental, na perspectiva da construção do conhecimento direcionado ao lixo;
- Propiciar a construção do conhecimento em relação à prática cidadã dos 3R's (reduzir, reciclar e reutilizar) no cotidiano da escola.

O meio ambiente não é só a natureza, como equivocadamente parte da população idealiza, mas o conjunto dos elementos, como árvores, solos, rios, mar etc, e especialmente o homem. Segundo REIGOTA (2006, p.21) para realizarmos a educação ambiental, é importante, inicialmente, conhecermos as concepções de meio ambiente das pessoas que estão envolvidas na atividade. Este autor define meio ambiente como “*um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais*”.

4

Historicamente, o marco oficial de preocupação com o meio ambiente, deu-se em **Estocolmo**, na Suécia, 1972, onde se realizou a **Primeira Conferência sobre Meio Ambiente Humano e Desenvolvimento**, em que se colocou na pauta de debate a educação ambiental e as relações entre meio ambiente e desenvolvimento. (MANO, PACHECO e BONELLI, 2005, p.93).

Para REIGOTA,

Uma resolução importante da Conferência de Estocolmo foi a de que se deve educar o cidadão para a solução dos problemas ambientais. Podemos então considerar que aí surge o que se convencionou chamar de educação ambiental (REIGOTA, 2006, p.15).

MANO, PACHECO e BONELLI (2005, p.92), destacam que “*a expressão educação ambiental foi utilizada pela primeira vez na Conferência de Educação da Universidade de Keele na Grã-Bretanha, em 1965*”. Desde então, disseminou-se a formação de cidadãos com amplo conhecimento do ambiente, buscando soluções para problemas atuais e prevenindo desajustes futuros. Atualmente percebe-se uma ampliada difusão do termo educação ambiental, sendo que, diversas nuances e com alguns casos de entendimentos simplistas entre educadores regentes, principalmente no Ensino Fundamental, torna-se preocupante a consolidação da educação ambiental como uma prática cotidiano e responsável para o equilíbrio da sociedade.

A partir de Estocolmo, foram realizados diversos encontros relacionados com a temática ambiental, entre elas destacam-se o **Encontro de Belgrado**, na então Iugoslávia, em 1975, e a **Conferência de Tbilissi**, na Geórgia (ex-URSS), em 1977. Nesta última realizou-se o Primeiro Congresso Mundial de Educação Ambiental.

A educação ambiental foi definida na conferência de Tbilissi, em 1977, como um processo permanente, no qual o indivíduo e a comunidade passa a ter conhecimento do meio ambiente, de forma a torná-las aptos a agir, individual ou coletivamente, e a resolver os problemas ambientais (MANO, PACHECO e BONELLI, 2005, p.93).

As análises e definições acerca da educação ambiental são diversas, mas é compreensível ressaltar que esta se caracteriza por focar uma abordagem integradora e multidisciplinar das questões humanas e ambientais.

Nesse contexto, o papel da escola torna-se imprescindível, pois esta deve tratar de questões que discutam o cotidiano dos alunos. Entre os termos sociais em discussão, direcionamos este projeto de pesquisa para a compreensão dos educandos em relação ao meio ambiente, com ênfase para a problemática do lixo. Nosso desafio é trazer os conteúdos e os exemplos de ações positivas para a realidade escolar.

Para BURNHAM (1993, p.21), *“é crescente o numero de grupos ambientalistas, mas cada qual tem seu objeto de luta, no entanto, todos discutem a degradação que o homem provoca no meio”*. Na escola conhecemos várias questões norteadoras ao meio ambiente, mas as discussões são incipientes e pontuadas. Não objetivamos a concepção de tornar os educandos em ambientalistas, considerando as possibilidades, mas permitir que estes possam ser cidadãos problematizadores de suas ações no ambiente.

O sistema educacional possui hoje um grande concorrente, os meios de comunicação em massa, que deveria ser parceiro na expansão e socialização do conhecimento formal. Se o meio televisivo, principalmente, cumprisse o papel de informador-educador, com ênfase mais científica das questões ambientais, poderíamos esclarecer sensivelmente a população. No entanto, *“as atenções para com o esclarecimento da população brasileira sobre as questões do meio ambiente vem se voltando para a escola”*. (BURNHAM, 1993, p.21).

A escola é considerada como o principal espaço no processo ensino-aprendizagem, e é onde, concretamente ocorre a socialização do conhecimento. Dialeticamente o indivíduo se reconstrói no ambiente escolar, mas para que este processo se desenvolva permanentemente, os conteúdos e o espaço físico devem ser atrelados ao conhecimento formal e ao informal do estudante. Nesse sentido:

como meio ambiente específico, a escola envolve uma dimensão espaço-temporal concretizada pela sua área física e todos os seus componentes (para falar em termos ecológicos e sócio-antropológicos) abióticos, bióticos, institucionais e sócio-culturais, num dado momento histórico. A partir dessa compreensão, não mais se pode ver a escola – como um prédio feio, sujo, deteriorado, sem árvores e jardins com ares de instituição penal; uma instituição surda aos interesses de seus próprios sujeitos; vazio de conteúdos cuja função de socialização existe minimamente independentemente do significado histórico-social que tais configurações simbolizam (BURNHAM, 1993, p.27).

6

Mesmo considerando as influências em diversos aspectos, a escola pode contribuir para a formação de sujeitos críticos e empenhados ao comportamento idealizados em novos princípios. Esta instituição, bastante criticada, deve assegurar ao indivíduo a possibilidade da construção de uma sociedade eticamente sustentável.

A educação ambiental tem sido adotada como um meio de transformação, na perspectiva de amenizar o padrão degradacional da sociedade. Nesse contexto,

A escola foi um dos primeiros espaços a absorver esse processo de ambientalização da sociedade, recebendo sua cota de responsabilidade para melhorar a qualidade de vida da população, por meio da informação e conscientização (SEGURA, 2001, p.21).

Diante à realidade e mesmo assumindo tal responsabilidade, as ações são pontuadas e desarticuladas, sendo que, não há inter-relacionamento entre as Secretarias de Educação (estaduais e municipais) e as escolas, e estas com professores e alunos. A existência de trabalhos coletivos ou interdisciplinares nos planos de ações das escolas é algo ainda próximo da utopia. As mudanças efetivas ainda são restritas diante da ampliação dos problemas ambientais.

O espaço escolar oferece as bases para a formação cidadã, apesar do sucateamento que o sistema proporciona e a restrita abertura às reflexões relativas a dinâmica socioambiental. Contudo, a educação ambiental não deve ficar condicionada ao cotidiano da escola, até mesmo porque, diversos setores da sociedade civil estão assumindo essa responsabilidade. SEGURA (2001, p.22) acredita que *“seja obrigação somente da escola resolver problemas ambientais e destaca que os educadores ambientais são enormemente responsáveis pela formação de pessoas que irão se depararem com o conflito entre os recursos naturais e o processo de exploração do homem no meio”*.

Segundo a mesma autora,

nesse sentido, a análise da prática da educação ambiental na escola é importante medida que procura desvendar a natureza do trabalho educativo e como ele contribui no processo de construção de uma sociedade sensibilizada e capacitada a enfrentar o desafio de romper os laços de dominação e degradação que envolve as relações humanas e as relações entre a sociedade e natureza (Ibidem, 2001, p.22 e 23).

7

Diante da análise percebe-se, considerando a reflexão de CARVALHO, que “a educação ambiental crítica poderia ser descrita como a formação de um sujeito capaz de ‘ler’ seu ambiente e interpretar as relações, os conflitos e os problemas aí presentes” (2004: 75). Essa relação da formação de um indivíduo crítico, assim como, da educação ambiental permeada de criticidade, idealiza a caracterização de um sujeito que autocompreenda suas ações, podendo este, perceber que o ambiente está constantemente modificado por nós.

Segundo CARVALHO (2004, p.75), “essa leitura é determinada em grande parte pelas condições históricas e culturais”. Sendo assim, estamos condicionados a realidade que nos circunda e produzimos leituras ou interpretações da natureza de acordo com nossa cultura. Infelizmente percebe-se que os indivíduos estão praticando atos de rudez e de demonstração de irresponsabilidade com o meio onde vive. E o mais preocupante é a rapidez com que se difunde na sociedade esses processos de ignorância e de reduzido compromisso ambiental. Por que torna-se mais fácil e rápido apreendermos ações que ambientalmente s

Para Freire, existe uma intensa ligação entre a natureza e a cultura no processo de aprendizagem,

e nos pareceu que a primeira dimensão desse novo conteúdo com que ajudaríamos o analfabeto, antes ainda de iniciar sua alfabetização (...) seria o conceito antropológico de cultura, isto é, a distinção entre estes dois mundos: o da natureza e o da cultura (FREIRE *apud* CARVALHO, 1981, p.70).

O papel da educação e do educador é intermediar estes dois mundos, possibilitando ao indivíduo uma reflexão de suas ações e uma reinterpretção do cotidiano.

Na perspectiva freiriana, a aprendizagem muda o sujeito e conseqüentemente a realidade que o cerca, devido a auto compreensão e uma nova leitura do mundo. No contexto das análises dos problemas ambientais, podemos nos considerar “analfabetos”, mas que devido a necessidade de compreensão da realidade, aprenderemos gradualmente, no sentido de uma auto formação imposta diante o contexto da sociedade. (CARVALHO, 2004, p.79).

Para Reigota, precisamos ter clareza que a problemática ambiental não está no número de habitantes do planeta, mas na cultura do consumo – segundo o autor,

É necessário entender que o problema está no excessivo consumo desses recursos por uma pequena parcela da humanidade e no desperdício e produção de artigos inúteis e nefastos à qualidade de vida (REIGOTA, 2006, p.9).

Dessa forma devemos priorizar que a educação ambiental seja crítica, considerando as opções políticas, e possibilitadora de uma discussão das relações econômicas e culturais entre os homens e a natureza. Assim,

a educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara o cidadão para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza (Ibidem, 2006, p.10).

Portanto, a educação ambiental praticada nas salas de aula seria a salvação? Não assumirmos a crença de que educação ambiental sucumbirá os problemas da modernidade, pois sabemos das dificuldades da educação formal em trabalhar o debate em relação ao meio ambiente. Concretamente o professor está atrelado aos conteúdos programáticos, particularmente aqueles voltados para o vestibular, e poucos conseguem inserir a análise ambiental nas suas disciplinas.

A questão ambiental está estritamente relacionada às formas concretas da produção material. Sob a ótica do sistema econômico dominante, observamos a desestruturação da relação sociedade-natureza, consolidada pela ação nefasta do capital financeiro, do crescimento industrial, da ciência e da tecnologia sem a necessária correspondência social.

Silva considera que,

Nesse sentido, o lixo constitui um parâmetro de uma racionalidade construída a partir do modo de produção da sociedade e, portanto, na sua existência, reproduz a contradição do modo de produção que o originou (SILVA, 1993, P.71).

Dentre os problemas visíveis na sociedade, destacamos os ambientais voltados para a geração e o descarte de resíduos sólidos, comumente chamados de lixo, que tem sido alvo de preocupação devido seu expressivo aumento ao longo do tempo.

Após a produção de qualquer material sólido sobra resíduo, que em seguida tornam-se algo inútil, indesejável e são descartados aleatoriamente. Em alguns casos, estes recebem tratamento adequado e tornam-se reutilizáveis.

O problema do lixo pode ser um forte aliado no processo de sensibilização e conscientização da comunidade escolar favorecendo a implantação de programas voltados a Educação Ambiental. Sendo assim, far-se-á necessário que os alunos percebam e compreendam as conseqüências ambientais de suas ações nos locais onde estudam, praticam futebol, enfim onde vivem.

A escola na medida em que é parte integrante da sociedade e também local de produção de resíduos, deve cumprir seu papel educativo de promover atitudes que sejam ambientalmente corretas, realizando o gerenciamento do lixo em seu interior, além de instigar a participação da comunidade escolar e da sociedade em geral, no sentido de solucionar o problema da destinação do lixo, exercendo assim, ações cidadãs e sustentáveis.

Nesse sentido, espera-se que esse trabalho obtenha resultados positivos a partir do envolvimento e sensibilização dos alunos, professores e funcionários sobre os problemas ambientais relacionados ao lixo na escola.

A Escola de 1º Grau Cônego João Lima Feitosa, localizada na sede do município de Frei Paulo/SE, sendo a principal escola da rede, conta com um universo de quase 800 alunos e funciona nos três turnos, com turmas do Ensino Fundamental Menor e Maior.

A escolha desta escola para iniciarmos os trabalhos do Projeto Sala Verde deve-se à maior aproximação com a Secretaria de Educação do Município. O contato da direção da instituição com os coordenadores e a Secretaria está facilitando o desenvolvimento dos trabalhos.

Inicialmente, as ações estão voltadas para a formação de um grupo sensibilizador e/ou facilitador, que procederão no sentido de disseminar a preocupação com o meio ambiente, e principalmente com o lixo. No momento estamos contando

com a participação de alguns alunos da 8ª “A” e 7ª “A” do turno vespertino e da 5ª “E” do período noturno.

A pretensão dos trabalhos é expandir para os outros alunos e a comunidade, por meio de diversas ações, as atividades que serão desenvolvidas. No Projeto iniciamos as nossas atividades com a participação em algumas reuniões/discussões, presididas pela professora Acássia Cristina Souza da Universidade Federal de Sergipe.

10

Na implementação do Projeto na escola, temos como metas traçadas, resumidamente, a formação do grupo de trabalho, confecção de cartazes, pesquisa teórica sobre questões ambientais envolvendo o lixo, participação em palestras, resolução de questionário e a composição de um grupo teatral para trabalhar a temática do lixo na escola.

O Projeto Sala Verde será desenvolvido na escola em três fases: na inicial, repassaremos questionários para os estudantes exporem a idéia de meio ambiente (vê anexo). Em seguida objetivamos consolidar o grupo de trabalho para elaborarmos nossas estratégias quanto à confecção de cartazes de sensibilização. Estes irão apresentar frases que demonstram o lugar correto onde deve ser jogado o lixo e serão afixados nas salas, no quadro de avisos e até nos banheiros. Também chamaremos a atenção para a importância da manutenção da escola limpa e preservada, pois esse material é uma importante fonte de informação. Nessa parte estão previstas ações voltadas para a nova escola que acolherá os alunos do ensino fundamental maior em 2009.

Na segunda fase pretendemos participar e promover palestras e/ou reuniões que discutam as questões ambientais, com ênfase para o lixo. Nesse aspecto, já houve importante passo, pois participamos de uma palestra realizada no Colégio Estadual Gentil Tavares da Mota, ministrada pelo professor da Rede Estadual da Bahia Wendel Menezes Ferreira. O tema trabalhado foi “Que Lixo!”, em que foram abordados conceitos importantes para a promoção da sensibilização da comunidade escolar (lixão, aterros etc) e alternativas para amenizar os problemas do lixo (o idéia dos 3 R’s – reduzir, reutilizar e reciclar).

A apresentação de um painel que relaciona os tipos de lixo (como revistas, jornais, copo de vidro, latinhas etc) as quatro lixeiras com cores diferentes (vermelha, verde, azul e amarelo) integrados por um circuito em que o aluno aprende a jogar o lixo no lugar correto, considerando a coleta seletiva, foi uma das estratégias mais atrativa utilizada durante a palestra.

Nesse período também estaremos realizando as devidas leituras teóricas de textos que discutam a idéia de Educação Ambiental e a produção de resíduos sólidos para a necessária fundamentação do projeto.

No terceiro momento pretendemos montar um grupo de teatro para apresentar quatro peças com os seguintes temas: sensibilização para não jogar o lixo nas ruas; discussão sobre a problemática que envolve os temas da Conferência Infanto-Juvenil (ar, fogo, terra e energia); e a última peça envolverá um jogo em que os participantes jogarão o lixo no lugar adequado, considerando a coleta seletiva.

Diante da realização dessas propostas, consideramos que será possível desenvolvermos outras atividades, a depender da participação e criatividade dos alunos e dos professores da escola Cônego João Lima e da escola que deverá funcionar a partir do segundo semestre de 2008. Também afirmamos que a metodologia tenderá a ser ampliada, pois pretendemos implantar ações nas escolas, considerando os problemas e as perspectivas locais, dos seguintes povoados: Alagadiço, Mocambo, Catuabo, Serra Redonda, Serras Pretas e Coité dos Borges.

Com o presente estudo visamos contribuir para a assimilação e a sensibilização da comunidade escolar que o “lugar do lixo é na lixeira”. A nossa abordagem envolverá análise científica para a questão da responsabilidade social, considerando a Educação Ambiental como uma prática a ser integrada no cotidiano.

Acreditamos que a escola tem um papel importante na formação cidadã dos indivíduos, sendo este o principal motivo para assumirmos o verdadeiro significado da instituição “escola”.

Não podemos afirmar que o projeto já tenha agregado o corpo docente da escola e a mobilização da maioria das disciplinas, até mesmo porque estamos em fase de elaboração para futura implantação e a expectativa é que possamos estruturar as ações com a participação efetiva do corpo docente e discente..

Evidente que este projeto por si só não resolverá os problemas do lixo na escola, como também outros de ordem ética e cultural. No entanto, um trabalho sensibilizador pode influenciar decisivamente na formação de cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres.

Portanto, esperamos que a partir da implementação desse trabalho, alcancemos como resultado principal a participação e a sensibilização dos alunos, professores e funcionários sobre os problemas ambientais relacionados com o lixo na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONELLI, Cláudia M. C.; MANO, Eloísa Biasotto; PACHECO, Élen B. A. V. **Meio ambiente, poluição e poluição**. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.
- BURNHAM, Teresinha Fróes. CADERNOS CEDES – Centro de Estudos Educação e Sociedade – **Educação Ambiental**, n 29, São Paulo: Papirus, 1993.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.
- REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SEGURA, Denise de Souza Baena. **Educação Ambiental na Escola Pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica**. São Paulo: Amablume: Fapesp, 2001.
- SILVA, Jorge Adalberto Aziz da. CADERNO CEDES – Centro de Estudos Educação e Sociedade – **Educação Ambiental**, n 29, São Paulo: Papirus, 1993.